

CLÁUDIO MOREIRA BENTO E CAMILA KAREN C. S. RENÊ



Veterano Cel Eng e EM Cláudio Moreira Bento e Universitária Camila Karen C.S. Renê

**ARTIGOS DO CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO NA
REVISTA MILITAR BRASILEIRA, NO DIÁRIO
POPULAR DE PELOTAS, CORREIO BRAZILIENSE,
NA SUDAM, NO NOTICIÁRIO DO EXÉRCITO, NO
DIÁRIO DE SÃO PAULO, NO CORREIO DO SUL DE
BAGÉ E NA COLUNA QUERÊNCIA DIVULGAÇÃO
DA UNIÃO GAÚCHA JOÃO SIMÕES LOPES NETO
DO DIÁRIO POPULAR DE PELOTAS**

LIVRO DIGITAL

Capa, digitalização e formatação dos artigos constantes do presente livro digital
pela universitária Camila Karen Renê.

SUMÁRIO

O CULTO DAS TRADIÇÕES DO EXÉRCITO - Comissão de História do Exército, 1973	2
MUITO OBRIGADO, GENERAL OSÓRIO - Correio Braziliense, 1º de maio de 1973.18	
DIA DO PATRONO DA CAVALARIA - Correio Braziliense - 10 de maio de 1973... 21	
DIA DA VITÓRIA - Correio Braziliense, 8 de maio 1973	22
RIO GRANDE EM DESTAQUE NA HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO – Rio Grande, Nº 87, 17 de Março de 1973	23
“GOVERNO E POVO DO CEARÁ HOMENAGEIAM ILUSTRE FILHO” - Tribuna do Ceará	25
O CEARÁ HOMENAGEIA GENERAL SAMPAIO - Correio Braziliense, 28 de junho de 1973	27
DIA DA INFANTARIA DO EXÉRCITO - Correio Braziliense, 25 de maio de 1973 ..	29
ERAM VALENTES ATÉ NA PRISÃO - O Estado de São Paulo - 9 Jul 72	32
ALERTA MEU BRASIL – Correio Braziliense, 20 de maio de 1973	32
FORTALEZA DE SANTA TECLA 1773-76 – Diário Popular, 24 de Dezembro de 1972	34
Currículo cultural sintético do Cel Cláudio Moreira Bento	41
Currículo da co-autora Camila Karen Costa Santos Renê	42

Comissão de História do Exército, 1973

O CULTO DAS TRADIÇÕES DO EXÉRCITO Atualidade

Maj Eng QEMA Cláudio Moreira Bento
(da Comissão de História do Exército EME)
1973

**As vigas mestras de uma Unidade Militar são:
O culto da Hierarquia e da Disciplina de sua História, Tradições e Glórias
e o culto e prática por seus integrantes das Virtudes Militares.**



O CULTO DAS TRADIÇÕES NO EXÉRCITO ATUALIDADE

HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Acabou de ser lançada a *História do Exército Brasileiro*, editada pelo Estado-Maior do Exército, através de sua Comissão de História.

Obra de equipe, foi uma contribuição do Exército aos festejos do sesquicentenário da Independência. Baseou-se na melhor bibliografia de História Militar Terrestre do Brasil. Essa coleção reflete o atual estágio da pesquisa histórico-militar, ainda bem carente de instrumentos essenciais ao trabalho histórico militar terrestre científico.

Maj Eng QEMA CLÁUDIO MOREIRA BENTO — Cursos Militares: EPPA, AMAN, EsAO, ECEME e de Pesquisador de História das Forças Terrestres Brasileiras da Comissão de História do Exército Brasileiro.

Cursos Civis: Relações Públicas e Organização e Métodos da Escola de Serviço Público do DASP e Administração de Arquivos pela Associação de Bibliotecários de Brasília.

Funções exercidas: Como tenente e capitão desempenhou as mais variadas funções nas unidades: 6ª Cia Com, 3ª Cia Com, 3.º BE Cmb, 1.º B Fv.. Como oficial de Estado-Maior serviu no QG do IV Exército na Seção de Planejamento e 5.ª Seção. Atualmente serve no EME na Comissão de História do Exército Brasileiro.

Atividades Culturais: Colaboração em diversas emissoras, jornais e revistas do Brasil, sobre História Militar do Rio Grande do Sul e Pernambuco e conferências cívicas em todas as guarnições em que serviu, especialmente no Recife, nos meios estudantis em geral. Foi conselheiro da Comissão Estadual do IV Centenário de Goiana-PE, membro da Comissão de Construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, como Coordenador Assistente e Coordenador da Operação Guararapes do Projeto Rondon (1971). Atualmente é membro da Comissão de História do Exército Brasileiro e foi encarregado da elaboração histórica do capítulo da História Sintética do Exército Brasileiro, relativo à Guerra Holandesa, Representante do EME na Comissão de construção do Parque Histórico Duque de Caxias.

Trabalhos publicados: Evocação da Guerra do Paraguai por ocasião do Centenário de seu término — As duas batalhas de Guararanes — A grande festa dos lanceiros — Autoria dos Símbolos do Rio Grande do Sul, Subsídios para revisão histórica tradicionalista e legal — Tradição e disciplina — Integração, Quartel e Pais e Conscritos — Jubileu de Prata do Dia da Vitória — Em seus estudos sobre a formação do Rio Grande do Sul possui vários trabalhos publicados no Diário Popular de Pelotas — Teve destacada atuação como membro da Comissão de História do Exército Brasileiro.

Mostrar ao povo brasileiro seu Exército. Um Exército sempre vanguardeiro e fiel à luta pela conquista e manutenção dos *Objetivos Nacionais Permanentes da Nacionalidade*.

Por outro lado, é valioso manual de instrução para a tropa.

Permitir às gerações do Exército presente e futuro, ao reverem e recordarem o trabalho árduo desenvolvido pelas gerações que as precederam, buscarem inspiração para o cumprimento de missões.

A luta dos militares do passado, pela preservação e conquista dos objetivos de *Independência, Soberania, Unidade e Paz Social* deverá inspirar as gerações atuais e futuras. Especialmente quanto à: conquista do *Desenvolvimento e Integração Nacional*; preservação dos *Valores Espirituais, Morais e Culturais da Nacionalidade*, e, por fim, à conquista de uma *Democracia* marcadamente brasileira, adequada a esses valores e aos aspectos positivos do caráter do povo brasileiro.

Uma Democracia obstáculo à exploração da *Bondade* — traço sublime do brasileiro — pela subversão e corrupção, e pelos demagogos.

A PESQUISA DEVE CONTINUAR

A pesquisa histórico-militar terrestre não terminou com esta obra.

Ela não atinge todas as faixas de público do Exército. E não fornece elementos essenciais ao desenvolvimento de uma *Doutrina Militar Terrestre Brasileira*. Tais elementos são impositivos para o progresso do Exército de um país, rumando, a passos largos, para seu grande e histórico destino.

Por esta razão basicamente, a pesquisa histórico-científica das Forças Terrestres Brasileiras deve prosseguir.

É primordial para o desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre. Assim procedem os exércitos dos países mais desenvolvidos em Arte e Ciência Militar.

O Estado-Maior do Exército não desconheceu esta realidade e a expressa na Portaria que criou, em 1970, a Comissão de História.

A esta, determinou fornecer subsídios de interesse do Exército e do País.

Possuímos mais de 400 anos de experiências frutíferas. De guerra convencional na América do Sul e Europa.



COLÔNIA DO SACRAMENTO 1737 — Colônia do Santíssimo Sacramento no atual Uruguai. Fundada em 1680 pelos portugueses defronte a Buenos Aires. Portugueses e espanhóis lutaram por sua posse por quase um século até seu arrasamento definitivo, em 1777, pelos espanhóis. Base: TASSO FRAGOSO. A Batalha (Planta), maquete e pesquisas realizadas pela CHEB.



FORTE JESUS MARIA JOSÉ DO RIO PARDO — Mandado construir em 1754, pelo General Gomes Freire de Andrade, como base logística para apoiar sua marcha até as Missões. Sua forma inicial foi uma tranqueira de grossas estacas. O forte tomou a forma acima, após o retomo de Gomes Freire do Passo São Lourenço do Jacuí. Base: Pesquisas da CHEB, ANTUNES. Os Dragões, (Planta) e Diário da Expedição demarcadora do tratado de Madrid.

De Segurança Interna, nas diversas áreas operacionais do Brasil.

As dimensões continentais do Brasil não são obra de milagre.

Na manutenção de nossa Unidade, Soberania, Independência e Paz Social, muito devemos ao eficiente emprego das Forças Terrestres Brasileiras, sob o impulso de vigorosas forças espirituais e morais.

Nossa experiência deve ser pesquisada e analisada de modo científico. Objetivo: colocá-la a serviço da Doutrina Militar Terrestre Brasileira, principalmente, no tocante ao desenvolvimento das forças morais do combatente brasileiro e da formação dos quadros e tropa do Exército.

PESQUISA CIENTÍFICA NA ECEME

A Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, na década de 60, realizou valiosas pesquisas históricas pioneiras, com tais objetivos e sentido.

Analizou casos histórico-militares brasileiros. Procurou ensinamentos doutrinários que eles sugeriam.

Merecem destaque as pesquisas de caráter sociológico e psicológico, procurando determinar o comportamento do Combatente Brasileiro em diversas campanhas. No tocante à da Itália, a mais alentada de todas, chegou a duas importantes conclusões de caráter científico, não opinativo ou arbitrário:

“O combatente brasileiro em campanha não se adapta a normas disciplinares rígidas”.

“A preparação psicológica do combatente para a campanha apresentou deficiências”.

As outras pesquisas levaram à primeira conclusão. E esta permite traçar o

perfil desejável do líder militar terrestre brasileiro.

A segunda conclusão refletiu descuido no campo doutrinário, quanto ao desenvolvimento das forças morais do combate, ou simplesmente, à convicção do Porque lutar.

Essas pesquisas pioneiras, por certo, contribuíram para a formulação, pela ECEME, do Anteprojeto de Apoio Administrativo ao Exército Brasileiro e para o desenvolvimento do ensino de operações convencionais, no território nacional, contra o inimigo externo, e operações de Segurança Interna contra o inimigo interno.

Para que a ECEME possa prosseguir neste trabalho científico valioso, precisa recorrer a fontes básicas, fidedignas e numerosas.

Tais fontes, principalmente as primárias, devem ser localizadas, analisadas e criticadas. Assim será possível a reconstituição de fatos históricos, matéria-prima para a marcha e o aprofundamento das pesquisas, especialmente na ECEME, e no CEP.

Neste, quando se tratar de problemas de engenharia humana.

Eis sólidas razões que aconselham tanto o prosseguimento da pesquisa histórico-militar, como sua dinamização.

A dificuldade de fontes primárias ilustro com o seguinte exemplo:

Um professor de História Militar da AMAN desejou elaborar com o concurso da Biblioteca do Exército, um livro que abordasse casos históricos brasileiros de emprego de pequenas unidades.

Constatou, com tristeza, que não existia material disponível.

Para consegui-lo seria necessário uma pesquisa profunda e demorada. A solução foi recorrer à experiência estrangeira.

A Biblioteca editou a *História do Emprego de Pequenas Unidades na Campanha da Rússia*.

DOCTRINA MILITAR TERRESTRE

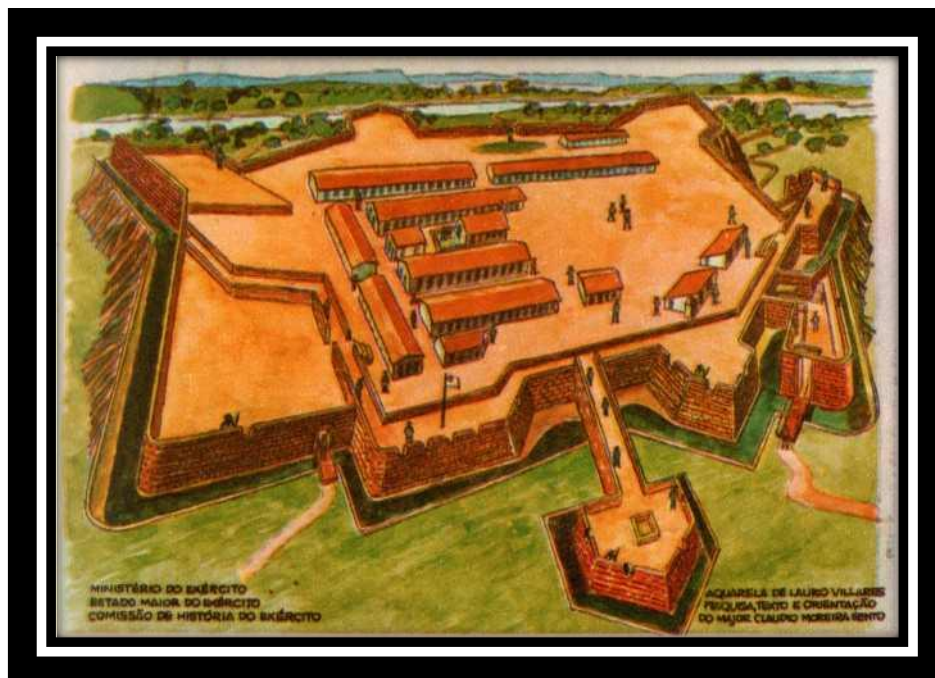
A Doutrina Militar Terrestre, no consenso de destacados pensadores militares estrangeiros e brasileiros, entre estes o Marechal Castello Branco e o Coronel J. B. Magalhães, possui cinco campos de desenvolvimento, essencialmente dinâmicos:

Desenvolvimento das forças morais do combate (convicção do Porque Lutar ou do Porque instruir-se), da *Organização*, do *Equipamento*, da *Instrução* e do *Combate*, tudo visando o mais eficiente emprego de determinada força terrestre na conquista e preservação dos Objetivos Nacionais.

O estudo científico de nossas experiências determinará quais os ensinamentos válidos colhidos, sejam sobre a forma de acertos a serem incorporados à doutrina, sejam sob a forma de erros a serem evitados.

Nosso Exército, numa conjuntura de Desenvolvimento e Integração, não possui condições ideais para a realização intensiva de manobras. E a razão? Seu alto custo. As manobras em tempo de paz, e a guerra, sempre foram as melhores formas de testar-se e aperfeiçoar-se a doutrina de emprego de uma força terrestre.

Por esta razão, o estudo histórico-militar brasileiro deverá, idealmente, dominar a doutrina da força terrestre, em todas as ocasiões em que foi empregada, determinando de modo sistemático e completo, as soluções corretas e falhas. Nossa experiência de guerra não pode ser abandonada.



FORTE JESUS MARIA JOSÉ DO RIO GRANDE — Mandado construir, em 1737, pelo Brigadeiro de Infantaria José da Silva Paes: Foi a primeira fixação oficial portuguesa no atual Rio Grande do Sul e ponto inicial de irradiação do povoamento. Base: BORGES FORTES, O Brigadeiro Silva e a Fundação do Rio Grande (Planta) e pesquisas da CHEB.



BUSCA DE VELHAS SOLUÇÕES

A História Militar registrou no Vietnã, de parte do Exército dos Estados

Unidos, um retorno a soluções da 1ª Grande Guerra e início da 2ª.

Quem pode afirmar que o Exército Brasileiro, no exercício de sua missão constitucional, não venha a recorrer, por imposição dos fatores *Terreno* e *Meios* (áreas operacionais diversificadas, restrições econômicas, etc), a soluções válidas de sua história? Ou, a evitar, de pronto, erros iniciais cometidos em campanhas anteriores, resultantes de uma deficiente análise dos fatores da decisão: MISSÃO, TERRENO, INIMIGO e MEIOS.

Em caso de emprego não seria ideal que essas indicações estivessem bem determinadas? E, melhor ainda, em condições de serem restituídas, com rapidez e oportunidade ao planejador militar brasileiro, através de um eficiente Serviço de Documentação.

FORÇAS MORAIS DO COMBATENTE

“A tradição é a alma de um povo”, proclamam com propriedade os tradicionalistas gaúchos, cujos antepassados, no período 1680-1870, viveram em constantes guerras com espanhóis e seus descendentes.

A afirmação é válida para o Exército como parcela armada de nosso povo e instrumento de defesa de suas aspirações, contra pressões internas e externas.

Podemos então afirmar: *A tradição é a alma de um Exército.*

E ajuntar: *Exército sem tradição, ou que a possuindo, não a cultue, é espada sem têmpera que quebra ao primeiro embate.* O Exército Brasileiro tem sido espada de têmpera nobre.

Esta convicção decorre de simples verificação e raciocínio.

Basta olhar para o mapa do Brasil e nele ver um país independente, uno, soberano, democrata, rico em valores espirituais, morais, culturais e em passo acelerado para completa Integração e Desenvolvimento.

A tradição se formará, consolidará e será comunicada às gerações futuras, através do culto e divulgação sistemática dos feitos gloriosos da Instituição e da evocação da memória dos seus integrantes, que se sublimaram, em fidelidade, aos Objetivos Nacionais Permanentes. Ênfase aos que cumpriram o dever com o sacrifício da própria vida.

A tradição do Exército de fidelidade aos objetivos da Nacionalidade, faz parte do campo da Doutrina que chamamos Desenvolvimento das Forças Morais do Combatente: É o que fornece respostas para as seguintes perguntas do combatente: Por que devo lutar? Dar a minha vida, se preciso for? Instruir-me. Cuidar do meu equipamento. Obedecer às normas doutrinárias. De pouco adiantará um Exército bem organizado, equipado e instruído, no qual seus integrantes não encontrem, dentro de si, em condições adversas, respostas para estas perguntas.

O Exército luso-brasileiro, na Guerra Holandesa, mal organizado, equipado e instruído, encontrou respostas adequadas, ao contrário do Exército mercenário da Companhia das Índias Ocidentais, bem organizado, equipado e instruído nas táticas mais modernas de então, mas sem o impulso de forças espirituais e morais.

Resultado: vitória das forças espirituais e morais, de um Exército improvisado, sobre as forças materiais de um exército bem equipado.

VALOR DA TRADIÇÃO — EXEMPLOS

Guerra da Tríplice Aliança. Grandes dificuldades no campo moral interno. O Visconde de Porto Seguro, com a intenção de superá-las, buscou inspiração na Guerra Holandesa.

Seu livro, História das lutas com os Holandeses, mostra os patriotas do Nordeste, enfrentando e vencendo com galhardia, maiores obstáculos que os brasileiros no Paraguai.

O General Mascarenhas de Moraes, antes de partir para a Itália, presidiu, nos Montes Guararapes, cerimônia de transladação, para o templo ali construído, dos restos mortais de dois líderes da Insurreição Pernambucana: João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros.

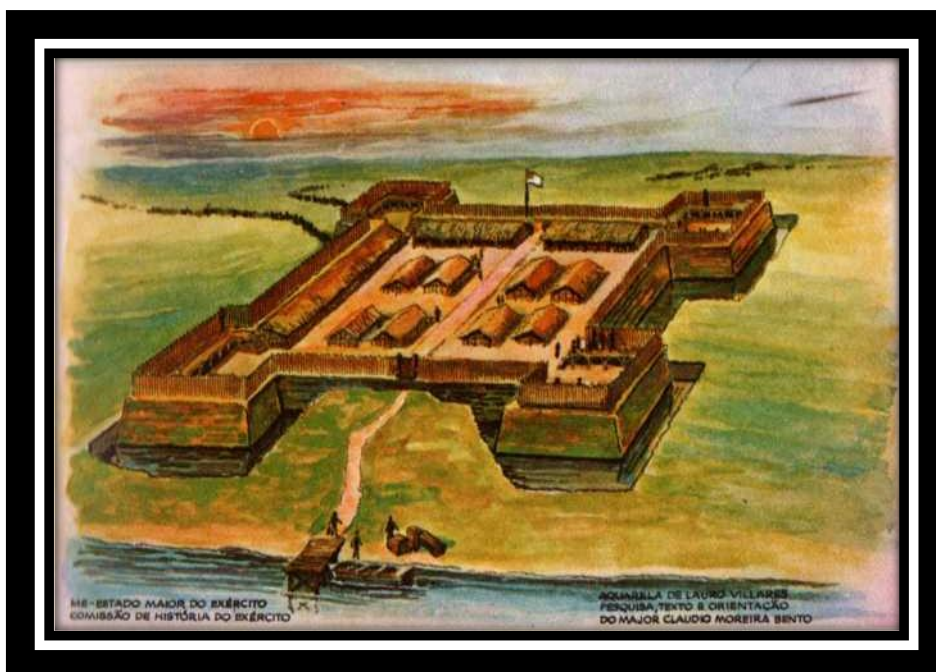
Foi buscar, para si e seus futuros liderados na Itália, inspiração na tradição ou, melhor, no exemplo dos patriotas do Nordeste.

De retomo, vitoriosa a FEB, depositou os louros da vitória da FEB em Guararapes. Reconheceu que ali se forjara o espírito do Exército Brasileiro e se alicerçaram, para sempre, as bases da Nacionalidade.

A tradição do Exército, por imposição da Era da Comunicação Social, precisa ser agressiva e sistematicamente difundida, em linguagem ou forma acessível, a diversos públicos.

Ao público interno, para o Desenvolvimento das Forças Morais do Combate, ou culto da Tradição.

Ao público externo, para melhor compreender a destinação constitucional do Exército. Isso permitirá melhor integração, Exército- Povo, favorável ao cumprimento das missões.



FORTE DE SÃO GONÇALO 1754-63 — Mandado construir pelo General Gomes Freire de Andrade, na margem direita do rio Piratini, próximo a sua foz no canal São Gonçalo. Serviu de base logística do Exército Português da Demarcação até o rio Vacacaí, através de Santa Tecla-Caiboaté. Na altura deste rio o apoio logístico passou a ser feito pelo Forte Jesus Maria José do Rio Pardo, através do fortim construído no passo São

Lourenço do rio Jacuí. Base: Diário da Expedição de Gomes Freire de Andrade. Carta RS 102 da Mapoteca da Diretoria do Patrimônio do Exército e pesquisas da CHEB.



FORTALEZA DE SANTA TECLA — Fortaleza mandada construir pelos espanhóis, em 1774, próximo a Bagé. Foi arrasada em 1776 por aventureiros do major Rafael Pinto Bandeira e dragões de Rio Pardo ao comando do major Patrício Correia Câmara. Base: Pesquisas da Comissão de História do Exército e TASSO FRAGOSO. A Batalha, planta.

REFLITAMOS

Nosso Exército pertence a país eminentemente cristão.

É regido por uma constituição feita sob a invocação de Deus.

Isto, no dizer de Pontes de Miranda, deve inspirar a interpretação e a execução da Carta Magna.

Consequentemente, a Força Terrestre Brasileira não pode sofrer influências perniciosas, conscientes e inconscientes: do ateísmo, agnosticismo, materialismo e pragmatismo filosófico.

Estas filosofias, em alguns pontos essenciais, e mais o Comunismo, no todo, a História revelou repudiadas pelo povo brasileiro, por contrariar o seu caráter.

A tais filosofias se deve o descuido pelo culto de nossas mais caras tradições, principalmente no período 1945-64.

Ao agnosticismo e ao pragmatismo, responsabilidade culposa.

O segundo por omissão e hipocrisia. Ao comunismo, responsabilidade dolosa, por agressão ideológica e mistificação, ao tentar vergar verdades históricas, ao sabor de seus interesses. Principalmente na Universidade, na Imprensa e no seio das Forças Armadas.

Ao final deste período de descaso por nossas tradições e História, assistimos, estarecidos, o lançamento de *"História Nova"* do Brasil, no seio da juventude universitária brasileira.

Sobre ela assim referiu o Exmo. Sr. Presidente da República, Emílio

Garrastazu Médici, em discurso pronunciado em 3 de junho de 1970, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

“Ainda temos memória e indignação para a safra, em nosso país, da História engajada, de senso ultrapragmático, a serviço da dialética marxista, vergando as verdades do passado ao peso dos interesses do presente, forjando uma “História Nova”, dócil à ideologia que a História mesma provou repudiada sempre pelo povo brasileiro e recrutando entre professores de História, o grupo de maior efeito multiplicador”.

É geral a reclamação de companheiros contra o descuido pelo culto de nossas tradições, quando comparado a outros Exércitos.

Isto, no entanto, não é tarefa para poucos. É obrigação coletiva. Todos têm que contribuir, de alguma forma, no âmbito de seus comandos. Aqui uma sala de história, ali um museu, acolá a publicação do histórico do Corpo. Elaboração de pinturas alusivas a feitos da unidade. O carinho pelos troféus e objetos de valor histórico.

O balizamento de um local histórico próximo à sede do Corpo, com participação efetiva da comunidade. A confecção, para a guarda do Pavilhão Nacional, de uniformes históricos. A preservação de documentos históricos, pois sem eles não haverá história militar.

E muitas outras iniciativas que seria exaustivo enumerar.

Impõe-se aqui uma autocrítica, um exame de consciência, aos companheiros que, como nós, lamentam o descaso pelo culto das tradições do Exército Brasileiro, principalmente, quando comparado com o que é feito em outros países.

Qual foi a sua iniciativa neste sentido, quando estava a seu alcance promovê-la? Se a consciência do companheiro estiver tranqüila, atire a primeira pedra, e redobre o esforço através de outras iniciativas. Há muito a fazer neste sentido.

Para a vitória da Democracia “é impositivo uma mudança de atitude” neste aspecto, segundo Arnold Toynbee, o mais destacado e acatado historiador contemporâneo.

DESABAFO DE UM ILUSTRE MILITAR

O ilustre e consagrado historiador militar, General Augusto Tasso Fragoso, considerado o pai da História Militar do Exército ¹ e patrono espiritual do Estado-Maior do Exército, a cuja frente permaneceu mais tempo, assim desabafou, em 1922, na apresentação de seu livro de estréia como historiador, ***A Batalha do Passo do Rosário***:

“Logo aos primeiros passos de minha vida como oficial do Exército, senti com mágoa, a deficiência de minha preparação histórica.

Reconhecí sem demora não só que falecia em geral o conhecimento dos fatos da Pátria, mas, sobretudo, o de seus grandes feitos militares. Foi no estrangeiro que a comprovação desta verdade me compungiu a alma de soldado brasileiro, pois, assim como ausência aumenta uma amizade, o peregrinar em terra alheia exalta o patriotismo.”

Deste sentimento têm partilhado, na Europa, nos Estados Unidos e na América do Sul, os companheiros que por estes locais viajaram.

E prossegue o General Tasso Fragoso:

“Porque seria a História Militar do Brasil tão descurada na Escola da Praia Vermelha? A escola era um foco memorável de trabalho e de civismo... em que seus mestres doutrinavam com sedutora maestria e grande elevação moral.

Talvez se possa explicar tão surpreendente contraste. Nos anos anteriores ao advento da República havia se arraigado no espírito de muitos, a falsa idéia de que a democracia verdadeira e a fraternidade real entre os povos deviam fundamentar-se no esquecimento e até na maldição de certos fatos do passado.

Daí, o estado de alma da geração militar a que pertencí e do meio que a preparava, onde havia um temor de falar em guerras em presença de moços que não tinham para com os veteranos da guerra do Paraguai, que desfilavam diante deles alquebrados pela velhice e com fardas rebrilhantes de condecorações, o respeito e a estima que mereciam como dignos e leais servidores da Pátria comum. Aplacada a tormenta, meu espírito serenou...

Fui vendo *por mim mesmo*² a veracidade do velho conceito de que a *História é a mestra da vida*² fonte perene de patriotismo, que não deve ser desconhecida notadamente por militares. Pouco a pouco me convenci de que o estudo dos episódios históricos das gerações que nos precederam é salutar aos moços que vestem farda, pois lhes fortalece o espírito, retempera o caráter e proporciona sólidos elementos para julgarem questões imprevistas e por vezes incandescentes, em que as paixões dominantes, sem as luzes da verdadeira História, acarretariam os maiores desatinos”.

O General Tasso Fragoso acusava com o *“fui vendo por mim mesmo”*, o sistema de Ensino do Exército, por não ter ensinado devidamente o valor da História Militar à sua geração. Suas abalizadas palavras surtiram efeito. A geração que o sucedeu produziu plêiade de competentes historiadores militares, hoje em sua grande maioria, ceifados pela morte, sem renovação. Foram prestigiados pelo grupo social a que pertenceram como seus intérpretes. A atual geração de historiadores é ínfima. Clama por incentivos e apoio.

Não basta trabalhar financiando, muitas vezes, seus próprios trabalhos. Sistemáticamente, sem remuneração. Enfrentam o apelido injusto e pejorativo de “traça”, de “rato de papel”.

Os que assim os vêem, os julgam e os tratam são inocentes úteis. Fazem coro ao inimigo interessado em silenciar nossas tradições para ltnpor a sua ordem.

As editoras, à busca de lucros materiais, não editam esses trabalhos. A ironia maior é que ninguém contesta que eles devem ser feitos. Sua divulgação é um sagrado dever do Estado. As perspectivas são, iisslm, sombrias. Algo precisa ser feito, principalmente no quadro mundial tumultuado, de nossos dias.

Trava-se uma violenta guerra insidiosa, de fundo ideológico.

Nela digladiam-se adeptos: dos valores espirituais e dos valores morais

O objetivo de cada contendor é conquistar a mente do ser humano.

É uma guerra de estratégia sutil, conforme ilustra o exemplo a seguir.

Num plano de ajuda a um país subdesenvolvido da África, os Estados Unidos constroem e equipam um hospital. A Rússia vem e o lotam do médicos e enfermeiros comunistas.

A conclusão é óbvia.

Neste tipo de guerra, a longo prazo, conta mais uma filosofia sem contradições, bem difundida através dos mais modernos meios de Comunicação Social, do que sofisticados armamentos militares.

E aí entra a História Militar como arma, evidenciando a tradição, deflagrando forças espirituais e morais indomáveis.

É oportuno finalizar este convite a um exame de consciência de parte dos companheiros, citando palavras do atual Chefe do Estado- Maior, General-de-Exército Breno Borges Fortes, durante a inauguração do Parque Histórico Marechal Manuel Luiz Osório, 1970:

“O culto aos heróis do passado é um dos mais belos e sagrados deveres de uma Nação”.

PARQUES HISTÓRICOS

O Parque Osório é um marco luminoso de uma nova era de culto e comunicação de nossas tradições militares.

A iniciativa foi do Exmo Sr. Presidente da República Emílio Garrastazu Médici, quando comandante do III Exército. Sua Ex^a, no discurso citado, — *Não se governa sem História* — disse, ao referir-se ao Parque Osório: “novos parques históricos virão em outras latitudes; bem cedo o dos Guararapes; depois talvez, quem sabe, Caxias, Bilac, Sampaio, Castro Alves. O Parque Histórico Nacional dos Guararapes foi inaugurado.

O Parque Histórico Nacional Duque de Caxias encontra-se em fase adiantada de implantação.

O Parque Histórico Brigadeiro Antônio de Sampaio, informa o Governo do Ceará, inauguração prevista para 24 de maio de 1973.

Desenvolvem-se estudos e providências para a construção dos parques Históricos de Pirajá, na Bahia e, Genipapo no Piauí.

Ambos ligam-se às lutas pela nossa Independência.

Lembrarão, eternamente, que o grito de Independência ou Morte, proferido no Leste da Pátria — significou para muitos brasileiros do Nordeste — Independência e Morte.

Outras iniciativas estão surgindo: Parque Histórico Heroínas de Tejucupapo em Goiana-PE, lembrando a participação armada da mulher brasileira na defesa da Unidade e Integridade do Brasil.

Parque Histórico Batalha do Monte das Tabocas, em Vitória de Santo Antão-PE, a primeira manifestação de Soberania do Brasil, sobre Portugal e o invasor holandês.



PORTO ALEGRE 1839 – Porto Alegre durante a Revolução Farroupilha. Estava de posse dos imperiais e cercada por terra pelos farroupilhas.. Base: TASSO FRAGOSO. A Revolução, planta.

Já existe sugestão para a construção do Parque Histórico Marechal Emílio Luiz Mallet.

Outras iniciativas, por certo, virão. A todas o Exército tem emprestado apoio moral e material.

Nelas tem participado, efetivamente, a Juventude Universitária do Brasil, através do Projeto Rondon.

O Estado-Maior do Exército e o Projeto Rondon desenvolvem, desde 1971, em escala nacional, uma atividade de grande projeção cultural.

Baseado no fato de que sem documento não há história, o Projeto

Rondon está procedendo ao levantamento de todos os arquivos no território nacional.

Objetivos: preservar de destruição, extermínio, ou de evasão para o exterior, importantes documentos relacionados com todos os campos da História do Brasil.

Esclarecer, quando for o caso, autoridades detentoras ou responsáveis, da importância desses documentos, como instrumentos de orientação do Desenvolvimento do Brasil.

REVOLUÇÃO NA COMUNICAÇÃO DA HISTÓRIA MILITAR

Em 1971, realizou-se o 19 Simpósio de História Militar Terrestre Brasileira, sob os auspícios do EME e ECEME. Seus 75 participantes civis e militares — historiadores, escritores, jornalistas, professores e especialistas em comunicação social — foram unânimes na recomendação: “elaboração de trabalhos de História Militar obedecendo às mais modernas técnicas de Comunicação Social, objetivando atingir as mais variadas faixas de públicos.”

Reconhecia o Simpósio que os trabalhos convencionais de História Militar são acessíveis a públicos restritos.

Não o são à grande massa. Motivos: a utilização de recurso à imagem muito raro; imagens repetidas, sem renovação; estacionado o trabalho criativo. Textos pesados e obscuros, sem condições de concorrer com outros assuntos abordados pela Imprensa de modo geral.

A própria Biblioteca do Exército deixou de editar livros de História Militar por estarem superados na forma de comunicação. Outros assuntos, melhor apresentados, mereceram a preferência de seus sócios.

AUDIOVISUAIS

Entre as formas mais modernas de comunicação, recomendou o Simpósio a divulgação das populares: história em quadrinhos, fascículos em cores, literatura de cordel e discos. Em síntese: esforço na imagem, no som e no texto leve, atraente e objetivo.

Em 24 de maio de 1972 — Dia da Infantaria — o IV Exército recorreu ao recurso da literatura de cordel e da fita gravada. Divulgar, no sertão do Ceará, a vida do Brigadeiro Antônio de Sampaio.

O III Exército recorreu ao disco, com bem elaborada trilha musical, para divulgar a vida do General Osório.

O EME decidiu explorar os audiovisuais para a divulgação popular da História do Exército. Imagens coloridas e narração com trilha sonora.

Primeiro problema para a adoção desta linha — pobreza da iconografia militar terrestre brasileira. Não tem havido, neste século, preocupação de imortalizar, plasticamente, os grandes momentos de nossa história, como ocorre noutras terras. Neste ponto os países vizinhos estão mais adiantados do que nós.

Muito do preservado entre nós o foi em preto e branco. Não se prestava à

comunicação ideal. No entanto, quando com base histórica, serão tais fontes de real utilidade para elaboração de motivos em cores:

Para a reconstituição em cores surgiu outro problema: ausência de pintores qualificados para este tipo de trabalho, em número suficiente. Os poucos encontrados possuíam dificuldade para pesquisar e desenvolver, por si, temas militares terrestres.

A Comissão de História do Exército reconheceu a necessidade de utilizar, na elaboração da *História do Exército*, a iconografia existente na área cultural da Guanabara.

Pesquisou durante alguns meses mais de 30.000 peças iconográficas, na Biblioteca Nacional, Biblioteca do Exército, Gabinete Fotocartográfico do Exército e coleções particulares.

Naqueles locais relacionou 6000 motivos militares terrestres.

Hoje eles integram seus arquivos, sob a forma de *slides*, cromos ou fotos em preto e branco.

Deles, cerca de 500 foram incorporados à *História do Exército Brasileiro*. Além disto, foram elaborados centenas de esquemas e mapas de maior comunicação visual. Aquarelas executadas por especialistas, reconstituindo fatos histórico-militares importantes. São marco histórico da renovação iconográfica militar do Brasil, em cores.

É impositivo que este trabalho se estenda a outras áreas culturais do país. Assim o exige o Objetivo Nacional de Integração.

PLANO DE HISTÓRIA MILITAR EM AUDIOVISUAL

Em 1972, o Estado-Maior do Exército decidiu, em caráter pioneiro, desenvolver um projeto de audiovisuais.

Objetivos: Renovar profundamente a iconografia histórico-militar terrestre, pesquisando e elaborando motivos originais.

Utilizar na divulgação da História Militar a força didática desse meio auxiliar.

Este projeto será passo intermediário e fonte valiosa para a abordagem cinematográfica de temas de História Militar.

É, para o Exército, a melhor forma de atingir faixas mais amplas de seu público. Guarda a possibilidade de difusão através da TV a cores.

Possibilitará uma renovação nas letras históricas, geralmente carentes de imagens.

No plano aprovado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, a Comissão de História deverá desenvolver, no que for possível, até 1973, baterias de audiovisuais para os comandos de Áreas.

O Plano é iluminado pela filosofia da História do Exército Brasileiro. Os audiovisuais transmitirão aos públicos do Exército: a contribuição das Forças Terrestres da área considerada, para a conquista e preservação dos *Objetivos Nacionais Permanentes da Nacionalidade*, em estreita e íntima colaboração com seu povo.

Focalizarão, basicamente, a História do emprego das Forças Terrestres, na área considerada.

Desde julho de 1972, a Comissão de História realiza pesquisa para

desenvolver uma bateria pioneira, relativa ao Rio Grande do Sul (área 3ª RM/III Ex).

Os trabalhos relacionados com esta bateria serão abordados, oportunamente, nesta revista.

A iconografia que ilustra este artigo dará uma idéia ao leitor do Plano de Audiovisuais para a área do III Exército.

A base histórica da pesquisa e elaboração iconográfica servirá, de futuro, ao desenvolvimento do cinema nacional. Cada aquarela, além de reconstituir o fato histórico, reconstitui guarda-roupa da época, personalidades, armamentos e outros detalhes históricos.

Os livros especializados poderão sair mais ilustrados e a cores, auxiliando o leitor a gravar melhor o fato histórico.

Unidades que participaram no passado, de determinados feitos poderão utilizar esses motivos para confecção de *posters* e publicações.

Servirão de base à elaboração de cartões postais, calendários, estatuetas, gravuras, cinzeiros e outros itens decorativos podem ser feitos com autenticidade.

Enfim, é ilimitado o poder multiplicador dessa pesquisa.

Igualmente, a de elaboração iconográfica de motivos histórico- militares, ora levada a efeito, em caráter pioneiro, sob os auspícios do Estado-Maior do Exército. Isto, até que possamos apoiar a iniciativa privada, a quem caberá normalmente, tarefas dessa natureza.

A Comissão de História elaborou para o Dia da Infantaria, em Brasília, a história dessa arma, em audiovisual.

O mesmo procedimento teve em relação à Arma de Artilharia.

Preparou tuna Síntese Histórica da História do Exército, em audiovisual, como parte das comemorações da Semana do Exército.

Estas três baterias pioneiras foram realizadas em curto espaço de tempo. Objetivo: Adquirir-se experiência para trabalhos posteriores. Teste do arquivo iconográfico organizado pela Comissão.

A experiência foi coroada de êxito. Superou as expectativas.

NOTAS

- (1) Segundo o Cel Francisco Ruas Santos, cf MURICY, *Palavras de um Soldado*, p 66.
- (2) O grifo é nosso.

Nota este artigo foi publicado ha 50 anos ,ER é agora republicado para a consideração do leitor e pesquisador interessado sobr a atualidade da História do Exército

Correio Braziliense, 1º de maio de 1973.

**MUITO OBRIGADO,
GENERAL OSÓRIO**

Cláudio Moreira Bento

Hoje, 1º de maio, transcorre o sesquicentenário do início do brilhante carreira militar do Marechal Manoel Luiz Osório, herói da Independência, da Unidade e da Soberania do Brasil, no crítico período 1823-70, marcado por lutas internas e externas.

Nele, Osório participou ativamente: Luta pela consolidação da Independência na Província Cisplatina 1823-24, Guerra Cisplatina 1825-28, Revolução Farroupilha 1835-45, Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52, Guerra contra Aguirre 1864-65 e Guerra da Tríplice Aliança 1865-70.

INGRESSO NO EXÉRCITO

Osório ingressou no Exército, como praça de pré-voluntária, faltando 10 dias para completar 15 anos. Escolheu a arma de Cavalaria da qual é patrono.

Iniciou sua carreira na Cavalaria da Legião de São Paulo.

Esta Legião fora organizada na Capitania de São Paulo em 1806.

Destinava-se a integrar, na novel Capitania do Rio Grande de São Pedro (atual Rio Grande do Sul), o Exército de Observação da Banda Oriental.

A LEGIÃO ESQUECIDA

A Legião era constituída de brigadas de cavalaria e infantaria e companhias de artilharia a pé e montada.

Integrou inicialmente a Fronteira do Rio Pardo, ao comando do intrépido filho de Goiás, Marechal Joaquim Xavier Curado.

Ao comando deste bravo penetrou na Banda Oriental em 1811-12, integrando o Exército Pacificador da Banda Oriental de D. Diogo de Souza, primeiro governador da Capitania do Rio Grande.

D. Diogo é considerado o criador e primeiro comandante da 3ª Região Militar no Rio Grande do Sul.

A Legião atuou com destaque em nossa fronteira sul: na Campanha 1811-12 e nas guerras contra Artigas 1816-1820. Em 1823, marchou para a Província Cisplatina para garantir nossa Independência, sob forte ameaça.

Ali receberia, mais um legendário voluntário, o menino gaúcho Osório, uma das maiores glórias militares do Brasil e seu maior ídolo popular do período 1868-79, quando o povo brasileiro necessitou de um no campo de batalha. Qual estrela-guia, Osório liderou seu povo no caminho da luta e da vitória.

A Legião de São Paulo prestou assinalados serviços ao Rio Grande do Sul, hoje olvidados.

Daí a propriedade em chamá-la a Legião Esquecida.

OSÓRIO E O MÊS DE MAIO

Maio lembra, ainda, diversas efemérides ligadas a Osório. Dia 1º, 107º aniversário de sua ascensão popular à nobreza brasileira com o título de Barão.

Dia 10, 165º aniversário de seu nascimento. Dia 14, sesquicentenário de seu juramento de soldado, ao Pavilhão Nacional. Dia 16, sesquicentenário de

seu batismo de fogo, próximo a Montevideu, numa escaramuça de cavalaria junto ao arroio Miguelete. Possuía 15 anos quando começou a lutar por nossa Independência. 'Dia 24, 105º aniversário da Batalha de Tuiuti, a maior batalha campal da América do Sul, por ele vencida. Sua atuação militar foi decisiva, ao ponto de um historiador assim definir: "Osório é Tuiuti e Tuiuti é Osório".

INDEPENDÊNCIA E MORTE.

Este ano assinala o sesquicentenário da consolidação de nossa Independência. O grito de Independência ou Morte proferido no centro do Brasil, significou para centenas de patriotas do Pará, Piauí, Maranhão, Ceará, Bahia e da Província Cisplatina - **Independência e Morte.**

Muitos brasileiros morreram lutando até que chegasse: 2 de julho de 1823 na Bahia, 31 de julho de 1823 em Caxias no Maranhão, 10 de agosto de 1823, no Pará e janeiro de 1824 em Montevideu, na Província Cisplatina. Essas datas assinalam o fim da resistência armada das Cortes de Lisboa à nossa Independência.

O suor, sangue, lágrimas e vidas preciosas dos que lutaram ou tombaram na luta pela nossa Independência não devem permanecer no esquecimento.

As dimensões continentais do Brasil não são obra do milagre.

Elas foram preservadas com sangue precioso de milhares de brasileiros tombados na Guerra da Independência.

Na Batalha do Genipapo, 13 de março de 1823, tombaram mortos, no dizer do Marechal Castelo Branco, mais brasileiros que em toda a campanha do Brasil na Itália, durante a última guerra.

O povo brasileiro está a dever uma homenagem a estes bravos.

Lembrar em algum lugar do Nordeste do Brasil, em monumento erigido em memória aos mortos da Guerra da Independência, seus sacrifícios supremos.

A vida em holocausto à Pátria. É um desafio ao governo e povo do Brasil. Não deverão ficar esquecidos os que participaram dessa luta.

Neste monumento deverá ser inscrito um nome: **Soldado de Cavalaria voluntário da Legião de São Paulo - Manoel Luiz Osório - 15 anos de idade.**

DEVEMOS FICAR NA NOSSA

O exemplo do menino Osório deverá servir de inspiração da juventude para a luta pela nossa Independência Cultural.

Independência ameaçada a toda a hora e todo o dia, na Era da Comunicação ou da Aldeia Global, por valores alienígenos, conflitantes com valores brasileiros, espirituais, morais e culturais, forjados em mais de 4 séculos, sob o Cruzeiro do Sul.

Osório com 15 anos incompletos resolveu ficar na nossa. Optou pela Independência da Pátria e por ela lutou em duros combates delí lança em punho.

Que os jovens brasileiros, inspirados em seu exemplo, saibam distinguir o

que significa **ficar na nossa** em termos de rumos do Brasil no concerto das nações. Que lutem com tenacidade, alegria e esperança para preservar e aperfeiçoar valores espirituais morais e culturais do Brasil. Que não concordem com a poluição dos mais autênticos valores da Nacionalidade. Confiar no Brasil, segundo Luiz Câmara Cascudo, é uma mentalidade decorrente de raciocínio e verificação. Que tenham orgulho de serem brasileiros nos momentos alegres e adversos da Pátria. Não somente quando tudo vai bem.

OBRIGADO GENERAL OSÓRIO

Obrigado Osório pelo exemplo que deste de amor, dedicação e (fidelidade à tua Pátria e a teu povo na paz e na guerra, nas suas alegrias e adversidades, durante tua preciosa existência, sor inspiração do ideal de LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE, por ti praticado com equilíbrio, realismo e sem utopia.

Que os mestres e jovens que escutaram a sugestão do professor Álvaro Vale através da TV Tupi, de pesquisar-se a razão do nome de ruas de suas cidades, conheçam um pouco de Osório, um dos brasileiros recordistas em nome de ruas, praças, edifícios, monumentos, associações, retratos e, ultimamente, nome do primeiro Parque Histórico construído no Brasil, por determinação do Presidente Médici, na estância onde Osório veio ao mundo em 10 de maio de 1808, no município de Osório-RS.

Obrigado general Osório por teres servido de inspiração, paradigma e exemplo a grandes homens desta nação.

CORREIO BRAZILIENSE 10 de maio de 1973

DIA DO PATRONO DA CAVALARIA

Cláudio Moreira Bento

A data de hoje assinala o aniversário do nascimento do Marechal Luis Osório, consagrado como o Patrono da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro.

O General Osório como foi conhecido pelos seus comandados e povo brasileiro, teve destacada ação militar.

Seu nome foi lembrado junto com o Marechal Luis Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, à consagração como Patrono do Exército.

Caxias mereceu esta consagração. Foi o comandante da batalha, o estrategista, o tático,. Enfim, o arquiteto da vitória na guerra e, da pacificação da família brasileira no período 1831- 45.

Osório foi o líder sem igual no combate, a estrela guia no campo de batalha a arrastar todo o Exército Brasileiro com o seu exemplo. Ficaram célebres suas palavras: "É fácil a missão de comandar homens livres. Basta mostrar-lhes o caminho do dever".

Caxias e Osório se completaram. Um necessitou do outro para as magníficas vitórias militares que juntos colheram.

Osório será lembrado hoje em todas as Unidades de Cavalaria do Exército espalhadas por todos os rincões da Pátria.

Os cavalarianos buscarão inspiração e motivação para a luta cotidiana por um Brasil melhor, recordando e evocando o grande exemplo de seu patrono.

Os Dragões da Independência de Brasília evocarão a memória e o exemplo do General Osório em grande festa .

O primeiro Parque Histórico do Brasil leva o nome de Marechal Manoel Luis Osório. Foi uma iniciativa do General Emílio Garrastazu Médici, quando comandante do III Exército.

O último contato do General Osório com um quartel de Cavalaria foi com o dos Dragões da Independência de Brasília então no Rio de Janeiro.

Em 24 de maio de 1878, como Ministro da Guerra, visitou esta Unidade para assistir a uma peça teatral. Era o seu **Adeus às Armas**. O Adeus a sua Cavalaria. Pouco após, no ano seguinte, morreria vítima de uma pneumonia.

Osório tem sido decantado em prosa e verso por grandes poetas e escritores brasileiros e platinos.

Os tradicionalistas gaúchos assim vêem este filho do Rio Grande do Sul:

OSÓRIO!
NOME QUE FOI LEGENDA E QUE É GLÓRIA.
O LIDER SEM IGUAL NO COMBATE.
A ESTRELA GUIA EM NEGROS HORIZONTES NO CAMINHO DA LUTA E
DA VITÓRIA.
FORMOU-SE NA ACADEMIA MILITAR DAS COXILHAS,
NA FRONTEIRA DO VAI-E-DEM,
NOS CONSTANTES COMBATES,
REFREGAS, ESCARAMUÇAS E ENTREVEROS
ENTRE "PARATATAS" DE CENTAUROS
"TILIM TILINS" DE ARMAS BRANCAS
PONTAÇOS DE LANÇAS
E CARGAS DE CAVALARIA!
NA BELICOSA SINFONIA
DA ARTE MILITAR DOS PAMPAS.

Apesar de grande guerreiro, por imposição conjuntural, Osório amava a paz.

São suas estas palavras até hoje de grande atualidade:

"O dia mais feliz de minha vida, será aquele em que me for dada a notícia que os povos festejam sua confraternização queimando seus arsenais".

Por todas estas razões Osório foi assim sintetizado pelo grande pensador militar brasileiro J.B.Magalhães:

Osório, Símbolo de um Povo - Síntese de uma época.

Correio Braziliense, 8 de maio 1973

DIA DA VITÓRIA

Cláudio Moreira Bento

Dia da Vitória, 8 de maio de 1945, 28 anos são passados. Fim da II Grande Guerra Mundial. Para muitos expedicionários brasileiros confirmou-se a estrofe de seu hino:

"Por mais terras que eu percorra, não permita Deus que eu morra, sem que volte para lá. Sem que eu leve por divisa este V que simboliza a vitória que virá. A nossa vitória final!"

E teve fim esta cruenta guerra. Guerra que não provocamos, pois, pacifistas, jamais alimentamos sonhos de conquista. Guerra que fomos envolvidos, em defesa de nossa soberania e da liberdade mundial. Guerra que nos impôs pesados sacrifícios materiais. Guerra que vitimou 1.900 brasileiros, do Exército, da Aeronáutica, da Marinha de Guerra e Mercante e, civis inocentes; crianças, jovens, mulheres e pessoas idosas.

Vítimas, mártires da liberdade dos povos, as quais, neste aniversário da Vitória, da **Liberdade** sobre a **Opressão**, evocamos e reverenciamos, pelos heróicos e, por vezes épicos exemplos de Brasilidade.

Pelo sangue generoso que derramaram; nos longos e frígidos campos da Itália, no mar alto ou litoral brasileiro. Longe da pátria estremecida e do calor dos amigos e entes queridos. Defendendo o auriverde pendão, a soberania e integridade do Brasil, a liberdade dos povos e os sagrados direitos humanos.

Que os vossos sacrifícios não tenham sido em vão!

E a todos vós brasileiros, mortos ou vivos, que combatestes nos céus e terras da Itália, que patrulhastes terras, céus e águas litorâneas do Brasil, no Exército, na Aeronáutica Civil e Militar e na Marinha Mercante e de Guerra. Nossa eterna gratidão e reconhecimento, por vossos enormes sacrifícios. Que vossas saudades da Pátria distante, dos amigos e dos entes queridos, vossos suores, sangues e, sobretudo, o supremo sacrifício dos que não tiveram a ventura de voltar à pátria; continuem a inspirar e alicerçar o presente e o futuro do gigante brasileiro, rumo a seu histórico e grande destino.

Firme, na trilha da Integração e do Desenvolvimento, sob a égide dos valores espirituais, morais e culturais da Nacionalidade, para legarmos aos nossos filhos e netos um Brasil justo e perfeito.

**Rio Grande, Nº 87
17 de Março de 1973**

RIO GRANDE EM DESTAQUE NA HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Este jornal noticiou a presença, a 8 de janeiro, do major Cláudio Moreira Bento nesta cidade, com o objetivo de pesquisar sobre os acontecimentos militares de que o Rio Grande foi cenário ao longo do tempo. A finalidade da pesquisa era, também como se noticiou, complementar os trabalhos de elaboração da «História do Exército Brasileiro», iniciativa tomada em 1970, e que agora chega a concretizar-se, devendo a obra ser lançada nos próximos meses.

dias. Rio Grande aparece com o devido destaque nessa obra de história do Exército que se considera «Perfil Militar de um Povo» e que custou ingentes esforços, durante quase três anos, duma equipe de 200 historiadores e pesquisadores.

«O major Cláudio Moreira Bento, em meio ano de trabalho, reconstituiu para os ilustradores, cêrca de duas centenas de fatos históricos, e selecionou outros tantos para que possam ter sua imagem melhorada em termos plásticos, podendo-se dizer que, assim, foi inteiramente iluminada e renovada a história militar do Sul, especialmente do Rio Grande» — diz a Comissão de História do Exército do Estado Maior do Exército, em folheto que vem de distribuir e que reproduz publicação efetuada numa edição do «Jornal do Brasil».

O ilustre militar, que aqui esteve em janeiro, encontrou um excelente assessor na pessoa do sr. Olavo Albuquerque, que o acompanhou em sua visita a esta cidade, e contribuiu para que fossem elucidadas as situações dos fortes do século 18 no território riograndino.

O forte Jesus, Maria e José, primeira construção feita no Rio Grande, situava-se na atual praça Sete de Setembro e, de que se ergueram depois, como o do Estreito (sob a invocação de Sant'Ana) nas imediações: da Vila Rural; o do Arroio, na embocadura do Arroio do Martins; o Reduto do Passo da Mangueira, nas imediações de Bolaxa. Além destes, que eram portugueses, havia os espanhóis, levantados por estes quando aqui se estabeleceram e que eram o forte de São José, na Barra; o forte de Santa Bárbara, eu do Mosquito, o do Triunfo, o da Trindade, o da Mangueira, todos na região da Barra, onde agora se constroem o Superporto e o Distrito Industrial; forte do Ladino, na ilha do mesmo nome, que desapareceu em virtude da construção do Pôrto Novo.

No outro lado do canal depois da invasão espanhola, osportuguêses se aprontaram para resistir e lá instalaram os fortes de S. Pedro da Barra, ou Lagamar, o dos Dragões, o da Conceição do Pontal, o do Patrão Mor e o de São José ou do Norte. No sul do país embora somente a partir, do século dezoito, Rio Grande foi o ponto principal das ações.

Ontem, a partir das 19 horas, o comadante José Luiz Pereira Soares (na foto à esquerda) em seu nome e no da Frota Oceânica Brasileira, recepcionou a bordo do «FROTARIO», o moderno navio construído no estaleiro Mauá e que, fazendo a linha entre o Brasil, o Sul da África, Extremo Oriente e Japão, inaugurou a escala permanente em nosso pôrto RA recepção a bordo da moderna unidade se fêz em tôrno de finíssimo. Euffet, a cargo do Restaurante haiti, desta cidade e prolongou se por várias horas, nas dependências confortáveis do «FROTARIO», enquanto o navio operava, descarregando cêrca de 1200 toneladas de equipamentos portuários, que recebeu em portos japoneses.

Na foto acima, além do comandante José Luiz Pereira Soares, aparecem o agente local da Frota Oceânica Brasileira, sr. Hans Melzert, e, ao centro, o titular de agência de Pôrto Alegre, sr. Alceu Alves e sua esposa, sra. Roseli Alves.

Na recepção de ontem, fizeram se representar o Prefeito Municipal, pelo seu Chefe de Gabinete; a Universidade pelo seu Reitor; a Capitania dos Portos pelo delegado de Pelotas; o Centro de Indústrias, a Câmara de Comércio, pelos seus presidentes; as agências de navegação pelos seus gerentes e o «RIO GRANDE» pelo seu diretor.

TRIBUNA DO CEARÁ

“GOVERNO E POVO DO CEARÁ HOMENAGEIAM ILUSTRE FILHO”

MAJOR CLÁUDIO MOREIRA BENTO

COMISSÃO DE HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Em 24 de maio transcorreu o 163º aniversário do nascimento do Brigadeiro Antônio de Sampaio - patrono da Arma de Infantaria do Exército. Foi a data consagrada como o dia dessa arma. Coincidiu com o 107º aniversário da batalha de Tuiuti. Nela, o Brigadeiro Sampaio liderando a 3ª Divisão de Infantaria — DIVISÃO ENCOURAÇADA - consagrou-se com o título BRAVO DOS BRAVOS DE TUIUTI.

BRAVO DOS BRAVOS

Sampaio e os bravos de sua divisão deram, então, um comovedor exemplo de resistência a todo o custo, contra forças superiores de um inimigo valeroso.

Durante quatro horas de combate cruento e feroz, Sampaio se expôs ao fogo inimigo onde era maior o perigo.

Tinha de dar exemplo a seus bravos. Foi desmontado quatro vezes, ao serem mortas suas montarias por lançamentos e balas inimigas. Atingido por duas balas continuou a lutar. Responsável, pediu ao Marechal Osório sua substituição. Perdera muito sangue. Mal acabara de despachar o pedido foi atingido pela terceira vez. Ajoelhado e desfalecendo balbucia: "Diga ao Marechal que é o terceiro ferimento".

E também ferido de morte, misturando seu sangue generoso com o de centenas de seus comandados mortos. Viveu 43 dias para saber que a resistência.

PERSONALIDADE DE SAMPAIO

Somente este ato de bravura seria responsável pela 1ª consagração do patronato de sua arma?

Teria esse bravo cearense transmitido outras mensagens a seu conterrâneo, o então major de infantaria Humberto Castelo Branco, para que advogasse a consagração como patrono da Infantaria?

Por certo; bravura, honestidade, coragem física e oral.

Dedicação e fidelidade à Pátria e as aspirações de seu povo, levados às últimas consequências. Intransigência em quem tentasse retardar a evolução do processo histórico brasileiro, preocupado em conquistar e preservar privilégios pessoais ou grupais, em detrimento da preservação de valores espirituais e morais da Nacionalidade.

Enfim, com aqueles que sobrepõem o interesse individual acima dos da Pátria; que não conseguem um ponto de equilíbrio entre esses interesses.

Os exemplos a seguir caracterizam, dentre muitos, a personalidade de Sampaio.

HERÓI DE FORTALEZA

Em 1833, no Ceará, sua unidade revoltou-se contra o governador.

Com 23 anos, o furriel Sampaio entendeu o episódio como uma crise política entre elementos do governo. Essa, por sua vez, fruto da crise de autoridade que assolou o Brasil com a abdicação de D. Pedro I.

O liberalismo utópico lançara fora do Brasil o trono catalizador da Unidade Nacional.

Sampaio não permitiu, por iniciativa própria e com risco de vida, que povo e comércio de Fortaleza fossem desrespeitados e saqueados por amotinados, os quais, por dever constitucional, cumpria proteger. O furriel Sampaio agiu em Fortaleza da mesma forma que o major de infantaria Luiz Alves de Lima e Silva no Rio de Janeiro, à frente do BATALHÃO SAGRADO.

PACIFICADOR EM CANGUÇU

Em 1845, capitão, foi enviado para Canguçu, centro geográfico de importantes núcleos farroupilhas, nas serras dos Tapes e Herval no Rio Grande do Sul.

Tinha por missão fazer cumprir, pelos imperiais e farroupilhas, os termos da Pacificação de Ponche Verde.

Foi firme e imparcial em sua missão de paz. Não se deixou envolver por nenhuma das correntes.

DISCIPLINADOR NA CORTE

Sua fama de oficial enérgico, corajoso, disciplinador, imparcial e honesto, chegou ao Rio de Janeiro. O Imperador o convocou para disciplinar o Corpo Policial da Corte, a braços com problemas crônicos de indisciplina.

Sampaio assumiu o comando. Concluiu a causa da indisciplina.

Era a corrupção administrativa praticada em causa própria por oficiais. Instaurou inquéritos. Os responsáveis responderam Conselho de Guerra e foram excludos da unidade. Em menos de meio ano a unidade era um modelo de disciplina.

Neste fato, talvez, o Presidente Castelo Branco tenha procurado inspiração em Sampaio para tomar as medidas rigorosas, mas acertadas, contra a corrupção, inflação e subversão, responsáveis pela indisciplina nacional que motivou a Revolução de 1964.

ESPIRITO DE RENÚNCIA

Na guerra do Paraguai, Sampaio preparava sua DIVISÃO ENCOURAÇADA, a base de centenas de patriotas civis, policiais e militares de linha, para enfrentar o inimigo que invadira o Rio Grande do Sul.

Sua esposa, a gaúcha D. Júlia Miranda de Sampaio, agonizava em Alegrete.

O Marechal Osório transmitiu-lhe a notícia e o autorizou a ir a Alegrete.

Sampaio muito triste respondeu-lhe:

"Marechal, quando a pátria periga, sua defesa pretere tudo.

Minha cara companheira seria a primeira a condenar-me por afastar-me de meu posto nestas circunstâncias

Tinha de dar o exemplo a milhares de brasileiros que corriam em defesa da pátria, dos mais diversos locais, muitos com problemas mais graves e tristes que o seu.

Entre utilizar um privilégio, preferiu preservar um valor moral da Nacionalidade.

Foi fiel aos brasileiros do passado. Não traiu a posteridade.

CEARÁ CONSAGRA SAMPAIO

Em boa hora governo e povo do Ceará resolveram homenagear seu ilustre filho. Brevemente farão inaugurar na Fazenda Victor Tamboril, Ceará, berço natal do herói, o Parque Histórico Brigadeiro Antônio de Sampaio, considerado no sertão nordestino o SERTANEJO FORTE DOS FORTES.

O CEARÁ HOMENAGEIA GENERAL SAMPAIO

Correio Braziliense, 28 de junho de 1973.

Major Cláudio Moreira Bento

Em 24 de maio, transcorreu 163º, aniversário do nascimento do Brigadeiro ANTONIO DE SAMPAIO — patrono da Arma de Infantaria do Exército. Foi data consagrada como o dia dessa arma. Coincidiu com o 107º. aniversário da batalha de Tuiuti. Nela, o Brigadeiro Sampaio liderando a 3ª. Divisão de Infantaria — a **Divisão Encouraçada** - consagrou-se com o título: **Bravo dos Bravos de Tuiuti**.

BRAVO DOS BRAVOS

Sampaio e os bravos de sua divisão, deram então, um comovente exemplo de resistência a todo o custo, contra forças superiores de um inimigo valoroso.

Durante quatro horas de combate cruento e feroz, Sampaio se expôs ao fogo inimigo onde era maior o perigo.

Tinha de dar exemplos as seus bravos. Foi desmontado quatro vezes, ao serem mortas suas montarias por lanças e balas inimigas. Atingido por duas balas continuou a lutar. Responsável, pediu ao Marechal Osório sua substituição. Perdera muito sangue. Mal acabara de despachar o pedido foi

atingido pela terceira vez. Ajoelhado e desfalecendo balbúcia: "Diga ao Marechal que é o terceiro ferimento '.

E tombou ferido de morte, misturando seu sangue generoso com o de centenas de seus comandados mortos. Viveu 43 dias para saber que a resistência a todo custo de sua Divisão Encouraçada fora decisiva para a vitória aliada.

PERSONALIDADE DE SAMPAIO

Somente este ato de bravura seria responsável pela sua consagração ao patrono de sua arma?

Teria esse bravo cearense transmitido outras mensagens a seu conterrâneo, o então major de infantaria Humberto Castelo Branco, para que advogasse sua consagração como patrono da Infantaria?

Por certo; bravura, honestidade, coragem física e moral.

Dedicação e fidelidade à Pátria e as aspirações de seu povo, levados às últimas consequências. Intransigência com quem tentasse retratar a evolução do processo histórico brasileiro, preocupado em conquistar e preservar privilégios pessoais ou grupais, detrimento da preservação de valores espirituais e morais da Nacionalidade.

Enfim, com aqueles que sobrepõem o interesse individual acima dos da Pátria; que não conseguem um ponto de equilíbrio entre esses interesses.

Os exemplos a seguir caracterizam, dentre muitos, a personalidade de Sampaio.

HERÓI DE FORTALEZA

1833, no Ceará, sua unidade revoltou-se contra o governador.

Com 23 anos, o furriel Sampaio entendeu o episódio como uma crise política entre elementos do governo. Essa, por sua vez, fruto da crise de autoridade que assolou o Brasil com a abdicação de D. Pedro I.

O liberalismo utópico lançara fora do Brasil o trono catalizador da Unidade Nacional.

Sampaio não permitiu, por iniciativa própria e com o risco de vida, que povo e comércio de Fortaleza fossem desrespeitados e saqueados por amotinados, os quais, por dever constitucional, cumpria proteger. O furriel Sampaio agiu em Fortaleza da mesma forma que o major de infantaria Luis Alves de Lima e Silva no Rio de Janeiro, à frente do **Batalhão Sagrado**.

PACIFICADOR EM CANGUÇU

Em 1845, capitão, foi enviado para Canguçu, centro geográfico de importantes núcleos farroupilhas, nas serras dos Tapes e Herval no Rio Grande Do Sul.

Tinha por missão fazer cumprir, pelos imperiais e farroupilhas, os termos da Pacificação de Ponche Verde.

Foi firme e imparcial em sua missão de paz. Não se deixou envolver por nenhuma das correntes.

DISCIPLINADOR NA CORTE

Sua fama de oficial enérgico, corajoso, disciplinador, imparcial e honesto, chegou ao Rio de Janeiro. O Imperador o convocou para disciplinar o Corpo Policial da Corte, a braços com problemas crônicos de indisciplina.

Sampaio assumiu o comando. Concluiu a causa da indisciplina.

Era a corrupção administrativa praticada em causa própria por oficiais. Instaurou inquéritos. Os responsáveis responderam Conselho de Guerra e foram excluídos da unidade. Em menos de meio ano a unidade era um modelo de disciplina.

Neste fato, talvez, o Presidente Castelo Branco tenha procurado inspiração em Sampaio para tomar as medidas rigorosas, mas acertadas, contra a corrupção, inflação e subversão, responsáveis pela indisciplina nacional que motivou a Revolução de 1964.

ESPIRITO DE RENÚNCIA

Na guerra do Paraguai, Sampaio preparava sua **Divisão Encouraçada**, a base de centenas de patriotas civis, policiais e militares de linha, para enfrentar o inimigo que invadira o Rio Grande do Sul.

Sua esposa, D. Júlia Miranda de Sampaio, agonizava em Alegrete.

'O Marechal Osório transmitiu-lhe a notícia e o autorizou ir a Alegrete.

Sampaio muito triste respondeu-lhe:

"Marechal, quando a pátria periga, sua defesa pretere tudo.

Minha cara companheira seria a primeira a condenar-me por afastar-me de meu posto nestas circunstâncias".

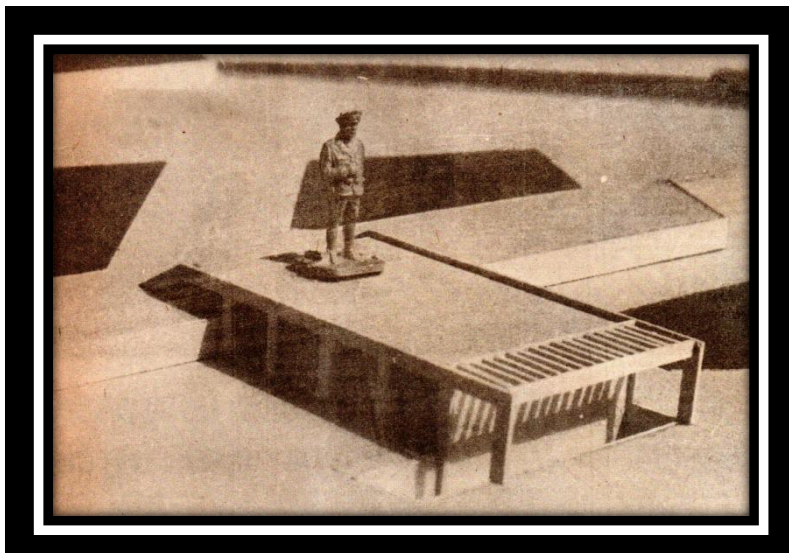
Tinha que dar exemplo a milhares de brasileiros que corriam em defesa da pátria, dos mais diversos locais, muitos com problemas mais graves e tristes que o seu.

Entre utilizar um privilégio, preferiu preservar um valor moral da Nacionalidade.

Foi fiel aos brasileiros do passado. Não traiu a posteridade.

CEARA CONSAGRA SAMPAIO

Em boa hora governo e povo do Ceará resolveram homenagear seu ilustre filho. Brevemente farão inaugurar na Fazenda Victor- Tamboril, Ceará, berço natal do herói, o Parque Histórico Brigadeiro Antônio de Sampaio, considerado no sertão nordestino como o **Sertanejo forte dos fortes**.



A maquete mostra a parte principal do Parque General Sampaio, que será inaugurado com a presença do presidente Médici.

Correio Braziliense, 25 de maio de 1973

DIA DA INFANTARIA DO EXÉRCITO

Cláudio Moreira Bento

Transcorreu ontem o 163º aniversário do nascimento do brigadeiro Antônio de Sampaio - patrono da Arma de Infantaria do Exército. É a data consagrada como o dia dessa arma. Coincide com o 107º aniversário da batalha de Tuiuti. Nela, o Brigadeiro Sampaio liderando a 3ª Divisão de Infantaria - **a Divisão Encouraçada** - consagrou-se com o título: **Bravo dos bravos de Tuiuti**.

Sampaio e os bravos de sua divisão, deram então, um comovente exemplo de resistência a todo o custo, contra forças superiores de um inimigo valoroso.

Durante quatro horas de combate cruento e feroz, Sampaio se expôs ao fogo inimigo onde era maior o perigo.

Tinha de dar exemplo a seus bravos. Foi desmontado quatro vezes, ao serem mortas suas montarias por lanças e balas inimigas. Atingido por duas balas continuou a lutar. Responsável, pediu ao Marechal Osório sua substituição. Perdera muito sangue. Mal acabara de despachar o pedido foi atingido pela terceira vez. Ajoelhado e desfalecendo balbucia: "Diga ao Marechal que é o terceiro ferimento".

E tombou ferido de morte, misturando seu sangue generoso com o de centenas de seus comandados mortos. Viveu 43 dias para saber que a resistência a todo custo dá sua Divisão Encouraçada fora decisiva para a vitória aliada.

Somente este ato de bravura seria responsável pela sua consagração ao patronato de sua Arma?

Ter ia esse bravo cearense transmitido outras mensagens a seu conterrâneo, o então major de infantaria Humberto Castelo Branco, para que advogasse sua consagração como patrono da Infantaria?

Por certo; bravura, honestidade, coragem física e moral.

Dedicação e fidelidade à Pátria e as aspirações de seu povo, levados às últimas consequências. Intransigência com quem tentasse retardar a evolução do processo histórico brasileiro preocupado em conquistar e preservar privilégios pessoais ou grupais, em detrimento da preservação de valores espirituais e morais da Nacionalidade.

Enfim com aqueles que sobrepõem o interesse individual acima dos da Pátria; que não conseguem um ponto de equilíbrio entre esses interesses.

Os exemplos a seguir caracterizam, dentre muitos, a personalidade de Sampaio.

Em 1833, no Ceará, sua unidade revoltou-se contra o governador.

Com 23 anos, o furriel Sampaio entendeu o episódio como uma crise política entre elementos do governo. Essa, por sua vez, fruto da crise de autoridade que assolou o Brasil com a abdicação de D. Pedro I.

O liberalismo utópico lançara fora do Brasil o trono catalizador da Unidade Nacional.

Sampaio não permitiu, por iniciativa própria e com o risco de vida, que povo e comércio de Fortaleza fossem desrespeitados e saqueados por amotinados, os quais, por dever constitucional, cumpriam protegê-los. O furriel Sampaio agiu em Fortaleza da mesma forma que o major de infantaria Luiz Alves de Lima e Silva no Rio de Janeiro, à frente do **Batalhão Sagrado**.

Em 1845, capitão, foi enviado para Canguçu, centro geográfico de importantes núcleos farroupilhas, nas serras dos Tapes e Herval no Rio Grande do Sul.

Tinha por missão fazer cumprir, pelos imperiais e farroupilhas, os termos da Pacificação de Ponche Verde.

Foi firme e imparcial em sua missão de paz. Não se deixou envolver por nenhuma das correntes.

Sua fama de oficial enérgico, corajoso, disciplinador, imparcial e honesto, chegou ao Rio de Janeiro. O Imperador o convocou para disciplinar o Corpo Policial da Corte, a braços com problemas crônicos de disciplinas.

Sampaio assumiu o comando. Concluiu a causa da indisciplina.

Era a corrupção administrativa praticada em causa própria por oficiais. Instaurou inquéritos. Os responsáveis responderam Conselho de Guerra e foram excluídos da unidade. Em menos de meio ano a unidade era um modelo de disciplina.

Neste fato, talvez, o Presidente Castello Branco tenha procurado inspiração em Sampaio para tomar as medidas rigorosas, mas acertadas, contra a corrupção, inflação e subversão, responsáveis pela indisciplina nacional

que motivou a Revolução de 1964.

Na guerra do Paraguai, Sampaio preparava sua **Divisão Encouraçada**, a base de centenas de patriotas civis, policiais e militares de linha, para enfrentar o inimigo que invadira o Rio Grande do Sul.

Sua esposa, a gaúcha, D. Júlia Miranda de Sampaio, agonizava em Alegrete.

O marechal Osório transmitiu-lhe a notícia e o autorizou ir a Alegrete.

Sampaio muito triste respondeu-lhe:

Marechal quando a Pátria periga sua defesa pretere tudo.

Minha cara companheira seria a primeira a condenar-me por afastar-me de meu posto nestas circunstâncias"

Tinha de dar o exemplo a milhares de brasileiros que corriam em defesa da pátria, dos mais diversos locais, muitos com problemas mais graves e tristes que o seu.

Entre utilizar um privilégio, preferiu preservar um valor moral da Nacionalidade.

- Foi fiel aos brasileiros do passado. Não traiu a posteridade.

Em boa hora, governo e povo do Ceará resolveram homenagear seu ilustre filho. Brevemente farão inaugurar na Fazenda Victor Tamboril, Ceará, berço natal do herói, o Parque Histórico Brigadeiro Antônio de Sampaio, considerado no sertão nordestino como o **sertanejo forte dos fortes**.

O Estado de São Paulo - 9 Jul 72

ERAM VALENTES ATÉ NA PRISÃO

O moral dos revolucionários de 32 presos pelas tropas governistas era - bastante elevado e todos se comportaram com extrema honradez. A informação é do historiador militar Cláudio Moreira Bento, que recentemente compilou, em Brasília, depoimentos de dezenas de soldados constitucionalistas, prestados no Estado-Maior do Exército, então localizado no Rio de Janeiro.

O levantamento feito pelo historiador inclui os depoimentos de 17 voluntários mineiros, 73 voluntários paulista, 51 civis, 329 soldados dos batalhões patrióticos, 422 integrantes da Força Pública, 287 soldados dos Batalhões de Caçadores e dez outros profissionais do Corpo de Bombeiros e da Guarda Civil. Também fazem parte da relação os depoimentos dos capitães Celso Pedra Pires e Francisco Silveira do Prado, 12 primeiros-tenentes — entre os quais o depois senador Oscar Passes — cinco segundos-tenentes e cinco aspirantes a oficiais.

Interrogados pelos oficiais governistas, os 17 voluntários mineiros, que foram aprisionados na Fazenda São Bento, em Vargem Grande, responderam textualmente: "que a 17 de setembro, data da sua captura, o moral das tropas constitucionalistas era bom; que havia farta alimentação; que reina animo entre a tropa; que não havia estrangeiros entre os rebeldes; que o combustível utilizado era a gasolina".

Os 73 voluntários paulistas pertenciam ao Batalhão José Bonifácio, 8º Batalhão de Caçadores da Reserva, Legião Negra e 4º e 5º Regimentos de Infantaria. Foram aprisionados no dia 3 de setembro, perto de Aparecida, quando, cessadas as hostilidades, seguiam para São Paulo. Conforme o historiador Cláudio Moreira Bento, seus depoimentos reunidos no documento **Interrogatório de Prisioneiros**, comprovam o alto moral das tropas.

DIÁRIO POPULAR

Pelotas, 25 de maio de 1973

GERENTE DE PRODUÇÃO
Gilberto A. Gomes

DIRETOR
Clayr Lobo Rocafort

CHEFE DE REDAÇÃO
Joaquim Salvador Coelho Pinho

ALERTA MEU BRASIL

Cláudio Moreira BENTO

Billy Graham, pregador evangelista preferido do Presidente Nixon, ao analisar as causas do episódio **Watergate** faz importante alerta àquela nação irmã.

Vê Watergate como sintoma da mais profunda crise moral de sua nação.

Em todos os níveis de nossa sociedade, públicos e privados, a impostura, desonestidade e a dissolução moral parecem estar aumentando". E prosseguiu: "A América tem tolerado uma permissividade amoral que faria Sodoma corar de vergonha. A família que é a unidade básica de nossa sociedade corre o perigo de se desagregar".

"Abundam agora, a onda de crimes, o que nenhum outro povo na História que se considerou **uma nação sob Deus** teria sido capaz de tolerar."

Assinala que jovens desiludidos com a ênfase dada ao materialismo, procuram alívio nas drogas, álcool e ciências ocultas.

Após convidar os americanos a um exame coletivo de consciência sobre as bases da sua sociedade e objetivos da nação, conclui:

"Há décadas que vimos sofrendo uma lavagem cerebral para pensarmos que não existem padrões morais absolutos. Muitos tem declarado que o homem é simplesmente o produto do meio ambiente e, portanto, não é realmente responsável por suas ações. Estamos agora colhendo os frutos amargos desses ensinamentos".

Alerta que o resultado de tudo isto é o grave risco da fibra moral americana ser transformada em farrapos.

Em tom grave lança estas perguntas que milhões de americanos vêm fazendo: “O que fazer? Para onde nos voltarmos?”

Concita a um despertar nacional que inclua “o arrependimento de nossos pecados individuais e coletivos”.

Da imprensa, que tem “posto a nu o caso Watergate, reclama: “Preste um serviço construtivo à nação”, no sentido de “reavivar as brasas quase apagadas da vida moral e espiritual da nacionalidade”.

E neste ponto perguntamos: Até que ponto as considerações do ilustre pregador servem de alerta à sociedade brasileira?

Até que ponto o materialismo vem afetando as bases espirituais e morais da sociedade brasileira?

Até que ponto importamos da nação esse “know how” que transformar em farrapos sua fibra espiritual e moral?

É um grande problema a ser solucionado, coletivamente, por todos os brasileiros que desejam, honestamente construir para seus filhos e netos um país, no sentido espiritual, moral e material.

Um Brasil eterno. Um Brasil justo e perfeito. Desenvolvido e integrado sob a égide dos valores espirituais e morais na Nacionalidade. Valores forjados durante quase um milênio sob o Cruzeiro do Sul. Valores que tornam o Brasil distinto no concerto das nações.

Obrigado, amigo pregador Billy Graham, por seu oportuno alerta.

Amigo, porque quem alerta construtivamente, amigo é. Sua advertência serviu-nos de **Alerta meu Brasil**.

Ardentemente desejamos que sábias advertências não sejam consideradas por seus destinatários como: “**palavras são palavras, nada mais que palavras**”.

AS, DOMINGO, 24 DE DEZEMBRO DE 1972

FORTALEZA DE SANTA TECLA 1773-76

Major Cláudio Moreira BENTO

De 28 de fevereiro a 28 de março, durante 29 dias, cêrca de 300 milicianos e aventureiros ao comando do major de milícias Rafael Pinto Bandeira, reforçados por 200 dragões de Rio Pardo, 100 auxiliares de cavalaria (gaúchos) e dois pequenos canhões (falconetes) ao comando do intrépido major Patrício Correia da Câmara submeteram a fortaleza a rigoroso cêrco até obterem a rendição de sua guarnição no dia 26 de março.

No dia 27 pela manhã toda a tropa portuguesa numerando cêrca de 600 homens empregou-se no arrasamento da fortaleza após removerem munições de guerra e outras utilidades que não concordaram fossem transportadas pelos ven cidos. As muralhas e baluartes foram demolidos sôbre o fosso, atulhando-o bastante. As casas foram incendiadas e o profundo poço entulhado de maneira

a tornar caríssima a recuperação daquele ponto forte.

Comandava a guarnição espanhola o costinado D. Luiz Ramirez que no dia 10 de março após conferências com Rafael Pinto Bandeira o recusar sua intimação de rendição resistiu a uma investida portuguesa de escalar as muralhas utilizando faxinas e escadas feitas no local, destinada a entulhar o fo «O e a escalar as muralhas.

Nesta resistência gastaram os espanhóis cerca de 10.000 tiros de mosquete. Este feito repercutiu em Portugal de modo a que Rafael Pinto Bandeira fosse elogiado pessoalmente pelo Marquês de Pombal em 5 de julho.

Neste elogio Marques de Pombal além de conferir a Rafael Pinto Bandeira e recusar de Cristo com 20.000 cruzados de pensão, "fê-lo coronel da Legião Ligeira, privativa a exclusiva de aventureiros (gaúchos) de Rio Grande, Viamão, Rio Pardo e de outros territórios até o Rio da Prata e, a oeste, até onde chegarem os limites de nosso continente"

Em resumo, Rafael Pinto Bandeira foi feito chefe de todos os aventureiros do Rio Grande do Sul e Uruguai e todos os territórios a oeste que fossem conquistados por Portugal.

RETORNO ESPANHOL A SANTA TECLA

Em consequência do Tratado de Santo Ildefonso de 1777 os espanhóis retornaram à fortaleza de Santa Tecla «U«-

trais foram balizados mais para o norte, ficando a região de Santa Tecla com destino a determinar. Os espanhóis então acamparam no local e durante 17 anos recuperaram parcialmente a fortaleza.

Na guerra de 1801 coube ao Coronel Manoel Marques de Souza, comandante da fronteira do Rio Grande, tomar sem reação a guarda espanhola aí estabelecida, após vencer os espanhóis em Passo das Perdizes e obter a rendição do Forte de Serro Largo, atual Mello, no Uruguai.

Desde então, Santa Tecla, primitiva sede da estância jesuítica de São Miguel, passou definitivamente ao domínio português e, no brasileiro após a Independência.

FONTES

1) — ANTUNES, De Paranhos. **tc**. Os Dragões de Rio Pardo, RJ, Bibliex. 1954. p ... 109-28.

2) — BENTO, Cláudio Moreira, maj. Atuação de Pinto Bandeira na destruição do Forte de Santa Tecla. Correio do Sul, Bagé, 24 mar 1970 (transcreve elogio de Pombal a Pinto Bandeira de doc. IOGB ata 79, doc 70).

— Reconstituição em maquete da Fortaleza de Santa Tecla com base na planta desenhada pelo alferes dos Dragões de Rio Pardo, Manoel Carvalho de Souza.

3) — CEZAR. Gulhermino, História do Rio Grande do Sul — Período Colonial. Pôrto Alegre. Editora Globo, 1970. Coleção Província. 2331 A p ... 191-2.

— Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul 1605-1801. Porto Alegre Faculdade de Filosofia. 1909 p. 151-206.

4) — DIRETORIA DO PATRIMÔNIO DO EXÉRCITO — Mapoteca histórica Brasília. Carta RS 102. "Plano topográfico individual da fronteira e terreno reconhecido e demarcado desde a barra do arroio Chui até a do Petehiguaçu pe

OS NOVOS DIRIGENTES DA UNIÃO GAÚCHA

Domingo passado, à noite, com apreciável assistência, na sede social da rua 15 de Novembro, foram empossados os novos diligentes da União Gaúcha e que são os seguintes:

Patrão: — Major Ângelo Pires Moreira.

Maiordomo: — Dr. Isaac Bendjoya.

Chaque: — Sr. Hugo Zibeti Machado.

Capataz: — Sr. Sehna da Silva Freitas.

Sota-‘capataz’: Sr. Bernardo da Silva Norg.

Agregado à sota capataz: — Sr. Reny Nachtgal.

Pelo Rio Grande e as Tradições TUDO ?

1.º Agregado das pilchas: — Sr. Cândido Maduell.

2.º Agregado das pilchas: — Sr. Manoel Moraes Barreto.

3.º Agregado das pilchas: — Sr. Silvio Pedro de Gomes.

Conselho de Vaqueanos: — Sr. Saulo Theodomiro Cúrcio, Adão D. D. Costa, Iseu Barbosa Prat, Pedro Hay e Antônio da Silva Magalhães

Suplentes: — S's. João Francisco R. de Andrade, José Dias de Castro, João José Pedroti, Aiy Martim Barbosa, Edil Neves Garcez

Após o ato de posse, foi servido a todos os **pi V.entes** uma copiosa variedade da salgadinhos seguidos de seus respectivos complementos, fazendo com que a reunião se prolongasse até às 24 horas.

DIARIO POPULAR

Pelotas, Domingo, 3 e 10 de Dezembro de 1972

O FORTE DE SÃO GONÇALO 1755-1801

Major Claudio Moreira Bento

Pelo tratado de Madri de 1750, entre Espanha e Portugal, este cedeu ao primeiro os Sete Povos das Missões em troca de Colônia do Sacramento. Foi escolhido para chefiar a Comissão Demarcadora portuguesa o General Gomes Freire de Andrade. Ainda no Rio de Janeiro. Gomes Freire, na impossibilidade de seguir para os Sete Povos ao longo do rio Jacui ou. peloSul através de Santa

Tecla em Bagé atual mandou que fossem escolhidos locais a fortificar para o apoio do abastecimento do Exército Demarcador. Foi construído 1753-1756 o Forte de São Gonçalo, na margem direita do rio Piratini, entre a foz deste rio no Canal São Gonçalo e a atual cidade de Pedro Osório. Distava 3/4 desta distância de Pedro Osório e 1/4 do atual Canal São Gonçalo conhecido na época como rio São Miguel, com nascentes na bacia Lagoa Mirim.

CONSTRUÇÃO

O forte tinha a sua retaguarda um grupo de ilhas do rio Piratini. Era atingido por terra, a partir da vila de Rio Grande, através da atual localidade de Quinta e do passo do Liscano, no canal São Gonçalo, pouco abaixo do rio Piratini. Era atingido por água, a partir de Rio Grande através da Lagoa dos Patos, canal São Gonçalo e rio Piratini. Data desta época o início do povoamento da atual cidade de Pelotas, recebendo uma sesmaria na área o Tenente Coronel de Dragões Thomas Luiz Osório. Era atingido por terra a partir da Vila de Rio Grande, através da atual localidade de Quinta e para tal foi construída uma ponte em 1853 uma ponte de madeira num arroio entre o passo do Liscano e a Vila de Rio Grande.

ESTACADA DE MADEIRA

Situada numa elevação junto ao rio Piratini. Na forma de uma grande estacada de quatro metros de altura, com quatro baluartes e edificações de pau a pique cobertas de Santa Fé, destinadas a abrigar suprimentos para o Exército Demarcador Português.

CONCENTRAÇÃO DO EXÉRCITO DEMARCADO

Gomes Freire após tentar penetrar nos Sete Povos a partir do forte de Rio Pardo, através do passo São Lourenço do rio Jacuí em Cachoeira atual, onde foi obstaculado pelos índios missionários liderados por Sepé Tiarajú, decidiu reunir-se ao Exército Demarcador de Espanha nas pontas do rio Negro, no atual município de Bagé.

De 7 a 22 de dezembro de 1755, Gomes Freire concentrou no Forte São Gonçalo, o seu Exército Demarcador. Compunha-se de 1606 homens, 152 carretas, 14 carretas especiais para tração da artilharia, 7 canhões de 2 libras, 3 canhões de 1 libra (peças de amidar), 3 carros de pólvora, 1816 bois de canga, 271 muares, 3760 cavalos e 2883 vacuns para o abastecimento do Exército.

As tropas viajaram parte por terra e parte por água. O Grosso (a maior parte) viajou por terra, saindo no dia 12 de Rio Grande e chegando a 14 no Forte São Gonçalo após atravessar o rio São Miguel (Canal São Gonçalo) sob forte chuva e a nado uma enorme tropa de quase 9.000 bovinos. Gomes Freire chegou ao Forte São Gonçalo no dia 15 de dezembro, às 5 horas da tarde, acompanhado de seu séquito e provedoria. Permaneceu no local durante seis dias, antes de partir ao encontro do Exército Espanhol. No forte São Gonçalo

foram construídas 152 carretas para a marcha do Exército, construção acelerada pelo general Gomes Freire..

NATAL DO EXERCITO DEMARCADOR EM PEDRO OSÓRIO ATUAL

No dia 22 de dezembro de 1755 o Exército marchou na direção da atual cidade de Pedro Osório onde acamparia em suas cercanias nos dias 22, 23, 24 e 25 de dezembro. Na noite de Natal o Exército assistiu a celebração de três missas.

Na madrugada de 26, o Exército marchou para concentrar-se com o Exército Espanhol. Até a junção dos dois exercitos nas pontas do rio Negro o Exército Demarcador encontrou a campanha vazia de gado alçado e de índios.

MORTE DE SEPÉ TIARAJÚ

Reunidos os Exércitos nas imediações da cidade de Bagé, partiram juntos para expulsar os índios missioneiros dos Sete Povos.

Após passaram por Santa Tecla, onde três anos antes o índio Sepé Tiarajú, alferes real da Missão de São Miguel, impedira a entrada dos demarcadores, sob o argumento "***que não tinham o direito para tirarem-lhes aquelas terras que Deus e São Miguel lhes tinham dado***".

No dia 7 de fevereiro de 1756, próximo a atual cidade de São Gabriel, Sepé Tiarajú apresentou-se com uma pequena força frente aos Exércitos Demarcadores.

Perseguido por uma força espanhola-portuguesa ao comando do Governador de Montevideu, Sepé reagiu com toda a bravura, até ser atingido por um lançaço nas costas desferido por um peão português, seguido de um tiro disparado pelo Governador de Montevideu D. José Joaquim de Viana. O local de sua morte está hoje balizado e contém um monumento de homenagem a sua coragem e a de seus bravos guerreiros armados de lanças, flechas e fundas, numa luta desigual.

HECATOMBE DE CAIBOATÉ

Os exércitos prosseguiram. No dia 10 de fevereiro travou-se a batalha de Caiboaté entre cerca de 1700 índios armados de fundas, flechas, lanças e deficientes armas de fogo, contra dois exércitos dotados dos mais eficientes meios bélicos da época.

Chefiados pelo cacique Nicolau Langnerú, sem conhecimentos de tática militar, colocam-se numa colina denominada de Caiboaté, para impedir a entrada dos exércitos nos Sete Povos.

ULTIMATUM

Foi dado um prazo de hora e meia para que se retirassem e voltassem aos Sete Povos. Decorrido este prazo os índios se apresentaram no alto da colina mais numerosos ainda. Os exércitos demarcadores adotaram o seguinte

dispositivo para o combate:

A frente a Artilharia,. No Centro. a esquerda, a Infantaria portuguesa e a direita a Infantaria espanhola. Na Ala direita a Cavalaria portuguesa e na ala esquerda a Cavalaria espanhola composta de blandengues uruguaios, correntinos e santafecinos. À retaguarda do dispositivo 200 carretas, o gado e cavallhada, guardados por 200 homens.

O MASSACRE

A luta desigual teve início por um disparo de artilharia que atingiu o comandante indígena Nicolau Languirú. A confusão se estabeleceu. Os índios correram para os matos nas redondezas da coxilha, buscando abrigo nas árvores e em trincheiras que escavaram previamente. Os exércitos progrediram e os cercaram num apertado círculo de ferro e fogo. E teve início uma terrível caçada que ao final de hora e um quarto deixou o campo juncado de 1.400 cadáveres de guerreiros índios. Foram feitos 154 prisioneiros aos quais os portugueses e espanhóis deram quartel.

ATROCIDADES

A cavalaria santa fecina e correntina não deram quartel aos que imploravam fossem poupada .suas vidas.Os índios morreram combatendo numa luta desigualde flechas e lanças contra armas, de fogo.

Estavam cheios de ódio. Não deram quartel aos portugueses e espanhóis que antes haviam lhes caídos em mão e Foi encontrado um 'português¹ que apresentava mais de 100 lanças e o peito aberto de onde os índios lhe arrancaram o coração.

MISCIGENAÇÃO

Neste encontro foi eliminada grande parte da população do Rio Grande do Sul. Das mães, esposas, irmãs e filhas dos índios tombado em Caiboaté descendem por mestiçagem com os soldados e auxiliares dos dois exércitos demarcadores.apreciáveis parcelas da população do Rio Grande do Sul Quase a totalidade dos homens índios dos Sete Povos das Missões tombaram em Caiboaté Se combinada a dificuldade do terreno com a resistência indígena, é possível que os dois exércitos fossem obrigados a retornar às suas origens.

CORONEL DE DRAGÕES THOMAZ LUIZ OSÓRIO

Destacou-se neste encontro o Coronel Thomaz Luiz Osório, ferido por três flechas. Este oficial foi o primeiro proprietário em Pelotas. onde recebeu em 1758 enorme sesmaria, bem como foi o construtor e o primeiro comandante da Fortaleza Jesus Maria José do Rio Pardo, em 1754. Em 1763 foi encarregado de construir a Fortaleza de Santa Tereza, na iminência de invasão do Rio Grande do Sul pelo Marquês de Cevallos, governador de Buenos Aires, à frente de poderoso Exército.

Face ao poderio de Ceballos foi obrigado a entregar esta fortaleza (então uma trincheira de pau a pique) sem resistência, ocasião em que os espanhóis prosseguiram até a Vila de Rio Grande, conquistando-a e dominando durante treze anos.

Por ter entregue a Fortaleza respondeu a rumoroso processo do qual foi absolvido. Posteriormente enviado a Portugal foi condenado a morte e executado pela Santa Inquisição, vítima de intrigas palacianas.

POLÊMICA

Sendo o Coronel Tomas ancestral do General Osório, seu neto Fernando Luiz sório, escritor e historiador pelotense, dedicou diversos trabalhos, visando o 'reabilitar sua memória, justificando as razões de seu comportamento em 1763, em Santa Tereza. E na segunda década deste século foram escritas páginas e páginas em defesa do Coronel Thomaz Osório, figurando com destaque em sua defesa o neto citado do General Osório. Como principal acusador o historiador militar Cel. Jonathas do Rego Monteiro. Foram revolidos os arquivos para a defesa dos dois pontos de vista. Em posição neutra a tudo observava o destacado historiador General Paula Cidade que ao que me parece ter dado a última palavra no assunto em seu livro Síntese de Três séculos de Literatura Militar, ao traçar o perfil moral dos homens que julgaram o Coronel Thomaz Luiz Osório que pertenciam a um Exército desfibrado, indisciplinado e composto de oficiais corruptos e desejosos de se manterem em suas posições, a qualquer custo e que encontraram no desditoso e valoroso coronel Cel Thomaz Luiz Osório um bode expiatório para suas próprias faltas. Acrescentou ainda o General Paula Cidade que este quadro em Portugal foi que ensejou a ida para aquele país do famoso disciplinador prussiano Conde de Lippe, para reorganizar o Exército Português invadido pela indisciplina, política e corrupção, por incúria da administração de Portugal. Alguns historiadores continuam a endossar a tese de que o Coronel Thomaz' comportou-se com covardia em Santa Tereza. Sua resistência seria um suicídio face a um Exército poderoso como o de Ceballos.

DESTINO DO FORTE

O Forte São Gonçalo existia ainda em 1788, conforme mostra a carta RS 102 existente na Mapoteca da Diretoria do Patrimônio do Exército que traduz o trabalho executado pelas comissões demarcadoras no Rio Grande do Sul. do Tratado de Santo Ildefonso de 1777.

Documento de grande valor histórico assinala ao redor do forte uma charqueada e duas estâncias. Após a guerra de 1801, que dilatou nossas fronteiras do rio Piratini até o Jaguarão, este ponto forte deixou de ter importância militar e caiu quase no esquecimento, deixando dúvidas quanto a sua exata localização que foram dirimidas pelo documento citado.

É possível que uma pesquisa arqueológica no local onde ele foi construído, revele maiores detalhes sob sua exata posição e configuração.

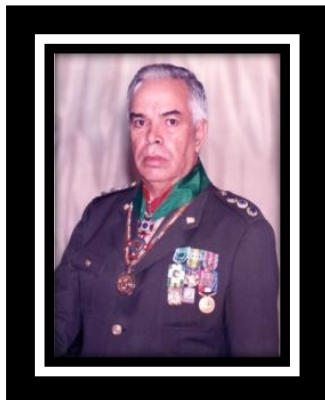
FONTES

-CUNHA. Jacinto Rodrigues cap et alli. Diário da Expedição de Gomes Freire de Andrade às Missões do Paraguai 1752-1756.

-Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro: —16": 137-259- 1853.

-Mapoteca da Diretoria do Patrimônio do Exército. Carta RS 102. Brasília, Quartel General do Exército — SMU.

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM Fevereiro de 2023



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo **As Guerras Holandesas, da História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 110 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seu último livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviário Su, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG,

PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Valedo Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembléias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançará seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano completará 91 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Celular 24/999247757

Currículo sintético Camila Karen Costa Santos Renê



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cádio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição a História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.